

2. Plano de Aula

A sala de aula, considerada aqui, como espaço para realizar uma prática com a finalidade de que todos aprendam, não deve ser considerado um espaço vazio. Concebemo-na como espaço de vida, onde todos se empenham no processo de construção e reconstrução de conhecimentos. Assim, segundo Masseto (1997: 34), “a sala de aula é um espaço aberto que deve favorecer e estimular a presença, o estudo e o enfrentamento de tudo o que constitui a vida do aluno: de suas ideias, crenças e valores, de suas relações no bairro, cidade e país, de seu grupo de amigos, lazer e diversão”. Entendemos, portanto, que a sala de aula é o espaço, onde o educador deve agir e decidir o que ele tem a fazer para facilitar o desenvolvimento daqueles a quem educa.

É importante ressaltar que várias escolas possuem propostas quanto à forma de organizar os conteúdos, umas trabalham com projetos interdisciplinares, outras já utilizam os famosos “livro do professor” e outras costumam adotar o sistema de apostilas, etc. No entanto, cabe ao professor, em qualquer situação, ir além do que está posto, buscar alternativas dando qualidade ao seu trabalho. O termo “qualidade,” de que estamos tratando, é referente àquele professor que reconhece e busca o que é necessário para seus alunos; é ciente de que numa sala de aula existem alunos com dificuldades de aprendizagem e alunos que possuem mais facilidade de apreensão do transmitido.

Se considerarmos uma prática pedagógica com qualidade, ressaltamos também a importância da formação inicial e continuada e a busca constante de aperfeiçoamento do professor. Assim, na formação do professor, Libâneo vem defendendo as disciplinas que integram a didática, das quais destacam-se: a metodologia de ensino e a prática pedagógica. Assim diz o autor: “Há tempos defendo a unidade entre a didática, as metodologias específicas e a prática de ensino” (Libâneo, 2000: 35). O autor continua a dizer:

Continua sem sentido a separação ou oposição entre didática e metodologias específicas. A didática é um campo unitário, ela congrega a teoria do ensino e os saberes disciplinares, incluindo suas metodologias específicas. A prática de ensino, por sua vez, é parte integrante da didática e das didáticas específicas. Entendo que a didática é a teoria e a prática do processo de ensino no seu conjunto, integrando as contribuições de outras ciências da educação. As didáticas específicas têm como objeto as peculiaridades do processo de ensino em cada uma das disciplinas escolares, no que se refere a objetivos, conteúdos, métodos, formas de organização do ensino, conforme os vários níveis de escolarização. A prática de ensino, incluindo o estágio, é o processo e o resultado da formação profissional propiciada pela didática e pelas didáticas específicas, pelo projeto pedagógico e curricular do curso de formação.

(LIBÂNEO, J. C. As mudanças na sociedade, a reconfiguração da profissão de professor e a emergência de novos temas na didática. Texto apresentado no EndiPE, Águas de Lindóia – S.P., 2000.)

O plano de aula que aqui iremos considerar são apenas sinalizações ou pistas sugestivas, tendo em vista, que consideramos o professor como sujeito criativo, capaz de conhecer e entender cada sala e saber que não existem receitas prontas. Um plano de aula tem sempre sua origem num projeto pedagógico institucional ou, propriamente, o Projeto Político Pedagógico – PPP, que direciona os caminhos a serem percorridos tanto da escola, quanto às expectativas que o professor coloca em seu trabalho pessoal e coletivo.

Um plano de aula, considerado como forma de organização, traz em princípio algumas questões: O que fazer durante as aulas? Como mobilizar os alunos para aprender? O que será interessante aos alunos? Como saber que o aluno aprendeu? Assim por diante. Um plano, para ser efetivo, deve seguir alguns critérios: seleção de conteúdos, ter objetivos, utilizar de uma metodologia coerente tanto com os conteúdos, quanto com os objetivos estipulados, saber selecionar os recursos pedagógicos ou materiais pedagógicos a serem utilizados e, por fim, como avaliar todo o processo, isto é, a avaliação (alunos) e a auto-avaliação (professor). A avaliação, nesse caso, é saber se a aprendizagem foi efetiva, se é preciso ou não dar continuidade ou reorientação durante e depois do processo. Para a elaboração de um plano de aula são várias etapas que devemos realizar, sobretudo, entendendo que cada etapa se relaciona entre elas, possibilitando um determinado objetivo: o **aprendizado**.

Vejamos o esquema abaixo:

1. Escolher o tema e Definir o conteúdo: A escolha do tema relaciona-se com o conteúdo.

Exemplo: *Conteúdo: “História das Civilizações Clássicas”. Tema: “A Civilização Grega”.*

2. Definir objetivos: Os objetivos possuem verbos no infinitivo. Podemos dividir os objetivos em: Objetivo geral e Objetivos específicos. No objetivo geral está o todo, ou seja, o aprendizado do aluno em determinado conteúdo. Nos específicos estão as partes que poderão completar o todo. Veja um exemplo:

Objetivo Geral: que os alunos no final das atividades possam Compreender a Civilização Grega em vários aspectos.

Objetivos específicos:

- 1) Entender os aspectos políticos da civilização Grega;*
- 2) Saber como a sociedade Grega vivia no cotidiano;*
- 3) Aprender os aspectos econômicos dessa civilização, etc.*

3. Metodologia: São os meios necessários para desenvolver a aula: Aula expositiva dialógica; exposição via televisão/DVD de filme, documentário, clipe. Na metodologia descreve-se também o tempo em que serão desenvolvidas todas as atividades como: primeiro momento; segundo momento; terceiro momento, etc.

Exemplo:

1º momento: apresentação oral sobre o tema e utilização de um documentário via televisão/DVD.

2º momento: promover debate entre os alunos - questão para o debate: Quais são os aspectos fundamentais que constituem a Civilização Grega?

4. Seleção de materiais:

Exemplo: *para a realização do 1º momento - seleção do DVD e do documentário “Civilizações Clássicas”.*

5. Avaliação: O aluno será avaliado quanto a sua participação ativa no debate com argumentações coerentes quanto ao tema.

A importância de um plano ou planejamento, no processo de ensino e aprendizagem, num primeiro momento é a própria organização do trabalho docente. Num segundo momento, obtendo o resultado dos objetivos propostos, é a ocasião em que permitirá ao professor distanciar-se

de sua prática, numa atitude de auto-avaliação do que foi feito, podendo, se for o caso, refazer uma nova organização da aula. Assim, um plano de aula torna-se documento que permite ao professor rever cada etapa do processo de aprendizagem do aluno, ao mesmo tempo, se auto-avaliar nesse processo. O importante não é estabelecer um modelo padrão de plano, mas o registro dos aspectos que orientam o professor para estruturar a prática.

Nesse contexto, ressaltamos a responsabilidade do professor no processo de ensino/aprendizagem, de maneira especial, com a formação moral, formação de valores e com a formação crítica da realidade. Ser um cidadão crítico e ter conhecimentos das várias determinações sociais, políticas, econômicas e culturais que permeiam a realidade. Dessa forma, colocamos a didática como uma importante disciplina nos cursos de formação inicial e continuada de professores. Quanto ao plano de aula, sua forma de elaboração e ação no contexto da Didática, o professor José Carlos Libâneo ressalta que:

A didática crítica tem avançado nesse ponto. Ela propõe-se a ajudar os professores a decidirem por si próprios, o que fazer com os alunos e no seu trabalho, enquanto profissionais do ensino. Nisto está o cerne do que já se mencionou sobre a didática como disciplina prática. Não se trata de extrair da didática regras práticas para serem aplicadas na prática. Trata-se de um conhecimento que permita ao professor flexibilidade para empregar métodos e procedimentos a situações particulares específicas, ‘conhecimento teórico com intenção prática’

(LIBÂNEO, 1997, p. 102).

Considerando o que o professor Libâneo sinaliza ao dizer que “ao professor flexibilidade para empregar métodos e procedimentos a situações particulares específicas” é o mesmo que considerar autonomia do trabalho do professor, englobando desde a organização da prática - participação no planejamento escolar, preparação de aula, etc. Nesta situação, o professor mantém autonomia para escolher metodologias, fazer seleção de conteúdos e de atividades pedagógicas mais adequadas a seus alunos segundo o interesse ou suas necessidades e dificuldades.

Não há uma receita pronta de como realizar um plano de aula – há sugestões, tendo em vista que consideramos o professor como sujeito criativo, capaz de conhecer e entender cada sala.

Um plano, para ser efetivo, deve seguir alguns critérios: seleção de conteúdos, ter objetivos, utilizar de uma metodologia coerente tanto com os conteúdos quanto com os objetivos estipulados. Saber selecionar os recursos pedagógicos ou materiais pedagógicos a serem utilizados e, por fim, como avaliar todo o processo, isto é, a avaliação (alunos) e a auto-avaliação (professor). A avaliação nesse caso, é saber se a aprendizagem foi efetiva, se é preciso ou não dar continuidade ou reorientação durante e depois do processo.



